

Paróquia de Canidelo - Escola da Fé - 2019/2020

2º Encontro - 15 novembro 2019

Introdução aos Quatro Evangelhos e Atos dos Apóstolos

1. Os quatro livros a que chamamos *Evangelho* resultam de um longo processo de formação que tem a sua origem na vida, morte e ressurreição de Jesus. Ao contrário do habitual no judaísmo, é Jesus quem escolhe os discípulos. Vivendo permanentemente com ele, estes escutam a palavra e são testemunhas dos seus gestos. Ainda em vida, envia-os a pregar, o que implica a constituição de uma *tradição* sobre as palavras do Mestre, um mestre único, exclusivo, cujas palavras estavam intimamente ligadas à sua vida e ações.
2. A fidelidade a esta mensagem estava garantida pela memorização, característica essencial do sistema educativo judaico. Para tal usavam *técnicas*, a que também Jesus recorria: metáforas, paralelismos, expressões semelhantes ou contrastantes, parábolas, imagens fortes, frases lapidares, repetição de palavras e expressões, rimas...
3. Após a ressurreição, os discípulos têm não só razões acrescidas para conservar com fidelidade as palavras e ações de Jesus, mas também uma nova perspectiva para as entender e interpretar: à luz da Páscoa, a comunidade primitiva relê a vida de Jesus, de modo particular a sua morte e ressurreição. A experiência da ressurreição, com a alegria que dela brota, está profundamente ligada ao anúncio do *evangelho*.
4. Diversos fatores sócio-religiosos requeriam uma adaptação e atualização da tradição recebida de Jesus: a tradução do aramaico para o grego; a inculturação no ambiente das grandes cidades do império de uma mensagem surgida na ruralidade da Palestina; a diversidade das comunidades e das suas relações com o ambiente judaico e pagão. Tudo isto leva a *reler a tradição recebida* para poder enquadrar a situação presente. Estas diferentes necessidades dão origem ao *aparecimento de pequenos blocos literários* unitários, que começaram por ser transmitidos oralmente, circulando depois por escrito e vindo a ser integradas depois nos Evangelhos: controvérsias, parábolas, milagres...
5. Para além da preocupação de que, com o desaparecimento das testemunhas oculares, não se adulterasse o testemunho recebido, a redação dos evangelhos teve também como objetivo fortalecer e fundamentar melhor a fé das comunidades cristãs, apresentando a vida de Jesus como paradigma para entender a sua mensagem (a fé é adesão à pessoa de Jesus), assegurando uma *visão global, integrada, do mistério de Cristo*.
6. Os evangelistas *recolhem, organizam e transmitem esta tradição evangélica*, mas fazem-no como verdadeiros autores: *selecionam* os dados da tradição oral e escrita, *sintetizam-nos, releem a tradição à luz da situação concreta da comunidade* a quem destinam o seu escrito. Conservam, porém, o *caráter de pregação*, visto que a sua preocupação é *oferecer à comunidade os fundamentos da sua fé e vida cristã* (DV 17) [Concílio Vaticano II, Constituição *Dei Verbum*, sobre A Revelação Divina].

7. Neste sentido, os evangelhos são *narrações teológicas*: olham para a história de Jesus, descobrindo nela a intervenção salvífica de Deus e o cumprimento do Antigo Testamento. Os evangelhos narram a vida de Jesus com uma trama que desemboca na cruz, mas são ao mesmo tempo uma confissão de fé sobre a presença atual do Senhor que ressuscitou e que continua a comunicar a sua palavra.
8. Os Evangelhos representam o último estágio, o ponto de chegada, da tradição sobre as obras e palavras de Jesus. O 1º período é constituído pelo próprio Jesus: não escreve; anuncia a mensagem e congrega um grupo de discípulos a quem inicia nos mistérios do *Reino dos céus*. O 2º período (anos 30 a 70) tem início depois da morte e ressurreição de Jesus. Fortalecidos pelo Espírito, os Apóstolos lançam-se ao anúncio do Reino, sem se preocuparem inicialmente com textos escritos. Rapidamente se formam comunidades, tanto na Palestina como nas diversas cidades do Império romano. O 3º período (60 a 100) corresponde à segunda geração cristã: discípulos dos apóstolos e de outras testemunhas oculares juntam as diferentes "tradições", para não se perder a memória do Senhor. É então que se chega à atual versão definitiva dos quatro Evangelhos.
9. O Evangelho é a *boa nova* de Jesus Cristo (o anunciador, mas também o conteúdo da *boa notícia*). Inicialmente, o evangelho era o conteúdo da pregação oral das testemunhas da ressurreição de Jesus, o anúncio (querigma). Este anúncio ganha forma literária em quatro livros que expressam, cada um de acordo com as necessidades das comunidades a que se destinam e a perspectiva própria de quem o redigiu, a *única boa notícia* de Jesus.
10. Mateus, Marcos e Lucas têm grandes semelhanças entre si, pelo que foram chamados "sinópticos" (olhar conjuntamente, ver de forma conjunta). Podem ser colocados em colunas paralelas, vendo as semelhanças e diferenças. Logo nos inícios houve quem se perguntasse se havia necessidade de quatro versões diferentes do mesmo evangelho de Jesus. Surgiu mesmo a tentação de elaborar uma síntese dos quatro evangelhos (Taciano, séc. II). Mas a Igreja nunca aceitou perder a riqueza que as diferentes perspectivas sobre a mesma realidade oferecem. Por isso as manteve, mesmo na liturgia, entendendo que nenhuma delas esgota o mistério de Jesus.
11. Até ao séc XIX, considerava-se Mateus o mais antigo dos Evangelhos. Marcos seria um resumo de Mateus e Lucas uma síntese de Mt e Mc. No séc. XX, os especialistas chegaram à convicção de que o mais antigo terá sido Marcos (reflexão cristológica incipiente), usado, de maneira independente, por Mt e por Lc, que terão tido uma fonte comum (Q). Por sua vez, o quarto Evangelho revela uma cristologia mais elaborada e, portanto, mais tardia, fruto de uma tradição porventura independente dos Sinóticos.
12. O livro dos *Atos dos Apóstolos* apresenta-se como uma continuação do terceiro Evangelho (Lc), fazendo memória da ação do Espírito Santo nos Apóstolos e nas comunidades apostólicas. Testemunha a vida da Igreja da primeira geração e a ação missionária, nomeadamente de Pedro e de Paulo.